

## Glória, perda e esperança



Três momentos marcantes, de conotações diferentes ao longo da História da Academia Sergipana de Medicina, entrelaçam-se com sentimentos de exaltação, tristeza e esperança. Na semana da magnífica celebração do Centenário do Dr. **João Cardoso Nascimento Júnior**, após as homenagens que lhe foram conferidas na terça, 05 de junho, com a Missa em Ação de Graças na Capela da Casa Maternal Amélia Leite e na quarta, 06 de junho, com a sessão especial da ASM, todos foram surpreendidos na

quinta-feira, 07 de junho, com a morte do nosso primeiro presidente – **Cleovansóstenes Pereira de Aguiar** – e seu sepultamento na sexta-feira, 08/06, justamente no momento em que a Universidade Federal de Sergipe concedia, tão justa quanto tardia, ao seu primeiro Reitor, o Título de Honoris Causa. Os sentimentos de glória e perda profunda se confundiram neste momento. Enquanto reverenciávamos o Patrono da Cadeira 18, perdíamos o fundador da Cadeira 26. Mas nessa onda de diferentes sensações, surge no horizonte a renovação, com a posse do médico cardiologista **José Augusto Soares Barreto Filho** na Cadeira 17, na sucessão do seu pai e saudoso acadêmico José Augusto Barreto, que acontecerá em 16 de julho de 2018, em local ainda a ser confirmado. Leia, nessa edição, a cobertura da celebração do Centenário a partir da página 2. A homenagem ao querido professor foi feita no seu sepultamento pelo Acad. Lúcio Prado Dias, em nome das Academias de Medicina, de Letras e da SOBRAMES. Leia mais nesta edição.

## FEDERAÇÃO TEM NOVA DIRETORIA



A **Federação Brasileira de Academias de Medicina** realizou em Aracaju, em 27 de abril de 2018, em sua sede, na cidade de Aracaju, assembleia geral para eleição da nova diretoria da entidade para o biênio 2018/2020. A eleição ocorreu por aclamação. A nova diretoria FBAM, eleita e empossada para o exercício 2018/2020, está assim constituída: Presidente: Acad. Luiz Roberto de Sousa Baratella (SP), Vice-presidente: Acad. Vicente Herculano da Silva (MT); Secretário Geral: Guido Arturo Palomba (SP); Secretário Geral Adjunto: Lúcio Antônio

Prado Dias (SE); Diretor Financeiro: Maurício Mota de Avelar Alchorne (SP) e Diretor Financeiro Adjunto: Murillo Ronald Capella (SC). A posse da nova diretoria aconteceu em São Paulo, durante o XVII Conclave, ocorrido nos dias 24 e 25 de maio último, na sede da Associação Paulista de Medicina. Na foto acima, sentados, os membros da nova diretoria, a partir da esquerda: Lúcio Prado (SE), José Hamilton Maciel Silva (SE), que transmitiu o cargo de presidente, Vicente Herculano (MT - vice-presidente), o presidente Luiz Roberto de Sousa Baratella, Waldenir de Bragança (presidente de Honra do XVII Congresso e ex-presidente da FBAM) e Maurício Alchorne (SP). Organizado pela federada de São Paulo, o XVII Conclave atingiu seus objetivos.

# O Centenário de João Cardoso

A Academia Sergipana de Medicina realizou uma sessão histórica em 10 de junho último, para celebrar o centenário de nascimento do professor, médico, primeiro Reitor da UFS e Patrono da Cadeira 18, o Dr. João Cardoso Nascimento Júnior. Em destaque, o discurso do Acadêmico José Abud, orador oficial, ocupante da Cadeira 18 e os pronunciamentos do reitor Ângelo Antonioli, do Secretário de Estado da Cultura, João Augusto Gama, dos acadêmicos Antônio Samarone e Marcos Ramos e o agradecimento pela família, realizado pelo neto Daniel Cardoso Leal. A sessão transcorreu impecável, sob a presidência do acadêmico Roberto César Pereira do Prado e foi conduzida pelo acadêmico Lúcio Prado Dias. Entre os acadêmicos presentes Zulmira Freire Rezende, Fedro Portugal, Geraldo Bezerra, Luiz Hermínio (ex-reitor da UFS), William Soares, Paulo Amado, Ildete Caldas, Virgílio Araújo, Stela Taqueda e Hesmoney Ramos. A Comissão Organizadora Pró-Centenário contou com a participação dos médicos Mário Adriano (Pró-Reitor de Assuntos Estudantis e coordenador), Antônio Paixão e Roberto César, pela UFS e Paulo Amado e Lucio Prado Dias, pela Academia. Ressalte-se ainda as presenças do Dr. José Anderson Nascimento, presidente da Academia de Letras e do acadêmico Luiz Fernando Soutello. No final da solenidade foi exibido um vídeo com imagens do homenageado em momentos marcantes de sua vida. As atividades alusivas ao centenário do Dr. João Cardoso foram encerradas em oito de junho, com a entrega do Título (in memoriam) de Doutor Honoris Causa da UFS ao nosso primeiro Reitor, em solenidade ocorrida no auditório da Reitoria.



Fotos: (em sentido horário): 1. O Acad. José Abud, orador oficial; 2. O Acad. Roberto César preside o a sessão; 3. Secretário da Cultura João Augusto Gama entrega placa à Sra. Juracy Cardoso; 4. O presidente da Academia de Letras entrega placa ao Reitor Antonioli homenageando a UFS; 5. Plenário geral; 6. O neto de Dr. João Cardoso, Daniel Leal, agradece em nome da família; 7. Acadêmicos, autoridades e familiares posam juntos no encerramento da sessão. Uma noite magnífica, cheia de emoção. **A cobertura fotográfica é de Sérgio Silva.**

***Discurso em Alusão ao Centenário de  
Nascimento do Professor João  
Cardoso Nascimento Junior, proferido  
pelo Acadêmico José Abud***



Autoridades presentes ou representadas, confradeiras e confrades da ASM - Academia Sergipana de Medicina, da ASL, Academia Sergipana de Letras e da SOBRAMES, Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, Regional Sergipe.

Senhora Juracy Flores Cardoso, esposa, filhos e familiares do magnífico reitor João Cardoso Nascimento Junior.

Senhoras e Senhores,



O tempo, para Paulo Coelho, pode apagar lembranças de um rosto, de um corpo, mas jamais apagará a lembrança das pessoas que sonham fazer, em poucos instantes, grandes momentos. Para J. Palácios, o que fazemos sobrevive a nós, “sem recordação chegará a época em que não existirão seres humanos para recordar que alguém, sequer, existiu, ou que alguém, alguma vez, fez alguma coisa”. Porque nós somos o que fazemos, o que não se fez, não existe.

Admitimos ser quase impossível resumir, em alguns poucos minutos, uma existência profícua de quase 70 anos. Recordar alguém que, por algum tempo, foi, na visão de muitos, injustamente esquecido é a tarefa a que nos propomos. E, lembrando Samuel Johnson, ninguém pode escrever a vida de um ser humano se não tiver, pelo menos, convivido com ele. Temos quase

certeza de que se João Cardoso imaginasse esse mergulho, mesmo pequeno, em sua existência pensaria como Fernando Pessoa: “Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, não há nada mais simples. Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte. Entre uma e outra cousa todos os dias são meus. Sou fácil de definir.”

Tivemos, como colegas docentes da Faculdade de Medicina, a oportunidade da convivência na coincidência dos horários de aula. Uma pessoa simples, acessível, culto, querido por seus alunos. Que, quando retornou, após a reitoria, era o mesmo de antes, a quem não apetecia falar sobre o passado e que torcia de coração pela “sua” universidade. Mas vamos fazer as presumíveis vontades do Dr. João que nasceu, em Piquete, Estado de São Paulo, em 01 de junho de 1918 e faleceu em Aracaju, em 08 de janeiro de 1988. Porém, não vamos esquecer as datas mais marcantes de sua vida:

19/12/1945 - formatura em medicina, pela Universidade Federal da Bahia; 22/12/1945 - casamento com a baiana de caravelas, companheira presente por toda sua vida; 1947 - início de seu trabalho como médico em Aracaju; 1964 - professor da Faculdade de Medicina, na Disciplina Higiene, Medicina Preventiva e do Trabalho; 1968 – 1972 - primeiro reitor da UFS.

Ao ser fundada a Academia Sergipana de Medicina, em 1994, e ao assumirmos a cadeira de número 18, de que ele era patrono, novamente o pediatra e o geriatra tiveram seus destinos cruzados, ele já no plano superior, pois falecera anos antes. Dentre as normas da Academia, caberia ao novo ocupante, se vivo ainda estivesse, em 2018, por ocasião de seu centenário, fazer seu necrológico. Como fazê-lo? Um relato cronológico de sua vida ou, segundo Lêdo Ivo, não proceder como “a maioria dos biógrafos” que “se empenha em explicar a obra a partir da vida, quando o correto é exatamente o contrário. Trata-se de explicar a vida através da obra”. Optamos pela segunda hipótese. E pesquisamos, entre os colegas médicos, muitos já falecidos, pessoas com quem conviveu, alunos e/ou professores da Universidade, qual foi, realmente, sua contribuição seja como médico, professor ou reitor para o Estado de Sergipe.



## O Médico João Cardoso

O Dr. João iniciou sua atividade profissional no então Departamento de Saúde Pública do Estado. Naquele tempo não havia a possibilidade de residência médica, de especialização, de doutorado e ou mestrado, mas ele não poupou sacrifícios para a aquisição de novos conhecimentos, deslocando-se com a família e filhos pequenos para outros estados, sobretudo o Rio de Janeiro. Exerceu, por pouco tempo, a medicina em consultório. Sentia-se melhor dedicando-se à medicina preventiva e às carências dos menos favorecidos.

Trabalhou, também, na Legião Brasileira de Assistência, nos hospitais Santa Izabel e Cirurgia, do

qual foi, inclusive, diretor. Exerceu a função de Diretor da Faculdade de Medicina, de onde se afastou para assumir a reitoria. Chefiou a Casa Maternal Amélia Leite até a data de seu falecimento e foi representante da UNICEF em Sergipe. Foi membro atuante da SOMESE, Sociedade Médica de Sergipe e do CREMESE, Conselho Regional de Medicina de Sergipe, tendo participado das discussões sobre a criação da Faculdade de Medicina e, posteriormente, da Universidade Federal de Sergipe.

Como profissional, seguiu, rigorosamente os ditames do juramento de Hipócrates, em todos os seus artigos, e foi um seguidor rigoroso do código de ética médica. Foi escolhido patrono da cadeira de nº 18 da Academia Sergipana de Medicina por seus méritos pessoais e profissionais.

Como muitos médicos de ontem, hoje e sempre, era amante da música dos grandes mestres, dos clássicos da literatura universal, que funcionavam como verdadeiros bálsamos diante dos dilemas tão presentes no dia a dia da profissão. Sua vida médica foi sempre pautada pelos dizeres de Pedro Nava: “a medicina, antes de mais nada, é conhecimento humano”. E isto está tanto nos livros de patologia e clínica como nas obras de Proust, Flaubert, Balzac, Rabelais, poetas de hoje, de ontem, nos modernos como nos antigos.

### João Cardoso, o professor da Faculdade de Medicina

Depois da medicina, ensinar para ele era, como disse D. Pedro II, a missão maior e mais nobre que existe: “dirigir as inteligências juvenis e preparar os seres humanos para o futuro”. Tinha plena consciência do dizer de Jô Soares sobre o ensino em nosso país: “o material escolar mais barato que existe na praça é o professor”. Mas não concordava, em hipótese alguma, com Júlio Camargo: “o professor é inteligente, mas não é inteligente ser professor”. Conhecia, como poucos, as limitações dos alunos vindos de um ensino médio ineficiente, mas, também, as limitações do ensino superior. Procurava, por meio de um excelente relacionamento com os jovens, com uma didática brilhante e facilmente assimilável, fazê-los compreender a dimensão social do ensino que, e, como Gadotti sabia, é o que pode fazer o ser humano de amanhã: comprometer-se com os interesses da sociedade.



*Recebendo a saudação de Antônio Garcia em 1982*

Seus alunos tinham uma mistura de carinho e respeito pela sua pessoa, que o tempo não conseguiu apagar. E foram eles que, diante do esquecimento, pela instituição, do papel do Dr. João na consolidação da Universidade, por meio da comissão criada pela resolução nº 06/2000 do CONSU (Conselho Universitário), reunindo os Departamentos de Medicina, Enfermagem e Odontologia sugeririam o nome do Dr. João para o Hospital Universitário. Assim concordavam com Rubem Alves: “ensinar é um exercício de imortalidade que, de alguma forma se continua a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de sua palavra”. Um professor, assim, não morre jamais. E com Victor Hugo, “os mortos não são seres ausentes, são seres invisíveis, jamais esquecidos”.



### Dr. João, o Reitor



Ao tentar analisar a escolha do Dr. João Cardoso para primeiro reitor da “nova universidade”, sonho acalentado por todos os sergipanos por muitos anos, motivo de tantas, demoradas e complexas discussões, uma pergunta nos vem à mente: como e porque, em havendo outros diretores das faculdades que se associavam, sendo o que se poderia chamar de sergipanos “da gema”, optou-se pela escolha – e por unanimidade - do forasteiro de Piquete que, de sergipano, tinha somente a origem paterna? Receio do desafio da empreitada? Outras e mais amplas aspirações pessoais? Possíveis perdas monetárias em relação aos atuais ganhos? Seria acaso ou destino? Ora, para Françoise-Marie Arouet, vulgo Voltaire, não existe acaso. Para George Bernanos, o que chamamos acaso talvez seja a lógica de Deus. Então seria destino? Para Schopenhauer, se o destino existe, ele embaralha as cartas e nós jogamos. Prevaleceu, então, quem apresentava os maiores e melhores requisitos para a função, independente de seu local de origem. Em tão somente quatro anos, João Cardoso conseguiu reunir, no mesmo espaço, o Campus, quase todas as unidades dispersas. Ampliar, em muito, o número de alunos e professores e não se omitiu em procurá-los, quando se fez necessário, na Bahia, para suprir as demandas da Faculdade de Medicina. Fez a Reforma Universitária, criou novos, variados e necessários cursos e, mesmo sofrendo censura por parte de alguns membros do

Conselho Diretor, jamais deixou de prestigiar o corpo discente da Instituição. E, no que consideramos a parte mais humanitária de sua administração, fruto de sua consciência democrática, defendeu da expulsão da universidade uma trintena de jovens alunos que, graças a seu empenho, desempenham, na atualidade, funções relevantes na política, na administração e na cultura, papéis relevantes no Estado de Sergipe.

Para se tentar compreender os motivos que o levaram à recusa em permanecer no cargo, repugnava-lhe o continuísmo e tinha vívida, na lembrança, quanto lhe custara e à sua família aqueles 1460 dias. Não havia motivos de saúde, pois reassumiu, de imediato, a cátedra onde permaneceu até a aposentadoria e, logo depois, a Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Com tantos e tão grandes feitos então, por que o primeiro reitor da UFS foi esquecido a ponto de Núbia Marques, considerando-a como sua filha, tê-la acusado (a Instituição) de esquecimento? Antes, em artigo publicado no Jornal da Manhã, fizera referência ao que chamou de “A Difícil Reitoria”, apontando as dificuldades enfrentadas e superadas. Por ocasião da comemoração dos 20 anos ele sequer foi lembrado e mais, no site da Universidade, na comemoração aos 35 anos nenhuma referência a seu nome em artigo publicado pelo então reitor? Não compete ao médico, ao colega ou ao amigo julgar, mas lembrar que, em 16 de novembro de 2000, 12 anos após seu falecimento, em Ata da Reunião Ordinária do Conselho Universitário, consta “que o Professor João Cardoso (do)

Nascimento júnior, professor fundador do curso de medicina (disciplina higiene e medicina preventiva), primeiro reitor da UFS, responsável pela instalação, organização funcional e mais do que tudo, defensor da autonomia universitária e dos princípios democráticos e da liberdade de expressão, tendo enfrentado a Ditadura Militar, salvaguardando a Universidade da interferência do autoritarismo. Lembrando, ainda, que a UFS está em débito com o prof. João Cardoso, cujo nome nunca recebeu as homenagens devidas”, pela resolução nº 15/2000/CONSU, “considerando as manifestações dos diversos departamentos (Medicina, Enfermagem e Odontologia), Hospital Universitário e o Diretório Acadêmico Augusto Cesar Leite, resolve denominar o Campus de Saúde, localizado à rua Cláudio Batista s/n, Bairro Santo Antônio, nesta capital de Campus de Saúde Prof. João Cardoso Nascimento Junior.” E, no art. 2º, “determinar que o Hospital Universitário não deve receber indicação de nome, porque isso resultaria em injustiça para os que eventualmente não fosse o escolhido”. Entretanto, no site da UFS sobre o HU não há nenhuma referência, até agora, dessa dualidade, desconhecida, portanto, do público em sua quase totalidade.

Se perguntássemos a um lavrador semi - ou mesmo analfabeto - qual a fase mais crucial de sua plantação, ele provavelmente diria a semeadura e o período de brotação. Aos pais, os momentos de maior atenção para com os filhos: a primeira infância e os primeiros passos. Para uns poucos, o mais importante é o fruto, mas o lógico seria a semente, na verdade, a origem da árvore. Há uma citação de Minou Drouet bastante oportuna: “para fazer um pêsego, é preciso um inverno, uma primavera, um verão, um outono e uma abelha, muitas noites e dias, e sol e chuva, pétalas rosadas com pólen, tudo para que a boca possa saborear uns poucos minutos de prazer”. Imaginemos o que ele precisou superar, para administrar os primeiros passos da instituição.

Finalmente, comemorando seus 50 anos, a UFS, 30 anos após a morte do Dr. João, concede-lhe o título de *Doutor Honoris Causa*. E, em artigo publicado na edição fim de semana, 12 a 14 do mês passado, do Jornal da Cidade, o atual magnífico reitor, publicou artigo sob o título “UFS patrimônio dos sergipanos”, onde faz justiça a quem a instituição tanto deve.

É de Henry Longfellow a afirmação de que a biografia dos grandes mestres nos lembra que podemos fazer de nossas vidas, algo sublime e, ao morrer, deixar, atrás de nós, pegadas na areia do tempo. Mas cabe a nós não permitir, em nenhuma hipótese, que o esquecimento as apague.

#### **Acad. José Abud - Titular da Cadeira número 18 da Academia Sergipana de Medicina**



*Mesa diretora dos trabalhos - a partir da esquerda: Mário Adriano (UFS), José Anderson Nascimento (ASL), Ângelo Antonioli (UFS), Acad. Roberto César Prado (ASM), Valberto Lima (Secretário de Estado da Saúde, Daniel Cardoso Leal (neto do homenageado) e Acad. José Abud, no momento de seu discurso.*

# OS REITORES E OS GENERAIS

*(Texto de João Augusto Gama – Secretário de Estado da Cultura – apresentado pelo próprio, na sessão do Centenário de Dr. João Cardoso)*



João Cardoso do Nascimento Junior era o Reitor da incipiente Universidade Federal de Sergipe (UFS) quando da edição do ato institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968. A Universidade havia sido instalada em sessão solene no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe em maio daquele ano. Poucos dias antes o estudante Edson Luís fora assassinado no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, pelas forças da repressão, provocando uma onda de indignação e protestos em todo o Brasil. Aracaju não ficou de fora e o Movimento Estudantil organizou uma passeata de repúdio que culminou com uma missa campal no parque Teófilo Dantas.

Em agosto de 1968, com o apoio do Reitor, o Movimento Estudantil criou e instalou o Diretório Central dos Estudantes, fazendo no mesmo mês as eleições diretas para a sua primeira diretoria. Em 12 outubro, quando da realização do XXX Congresso Estudantil da UNE, a repressão fecha o Congresso e prende no Presídio Tiradentes, em São Paulo, toda a liderança estudantil do país, incluindo a bancada de Sergipe que solta 15 dias depois retorna à Sergipe para ser presa em dezembro, após a edição do ato institucional nº 5, sendo liberada em janeiro de 1969.

O Reitor João Cardoso era um humanista e com a sua maneira educada que transmitia tranquilidade não se deixava intimidar pelos militares. Após a edição do AI 5 as pressões da 6ª Região Militar em Salvador para que o Reitor usasse o decreto 477 que lhe dava poderes para expulsar os estudantes enquadrados na Lei de Segurança Nacional eram insuportáveis. Discreto e calmo, mas sofrendo muito, o Reitor ganhava tempo para que os estudantes se formassem. Diariamente o Reitor João Cardoso enfrentava uma batalha silenciosa, às vezes nem tanto, para evitar que a jovem universidade federal de Sergipe fosse instrumento do ódio fascista.



O general Abdon Sena era o poderoso comandante da 6ª Região Militar em Salvador a quem o comando militar em Sergipe era subordinado hierarquicamente. Nada acontecia em Sergipe sem a chancela da 6ª Região Militar. Os atos mais rotineiros da vida administrativa eram considerados "assuntos de segurança Nacional". Nomeações de juízes, transferências de servidores, tudo passava pelo crivo militar.

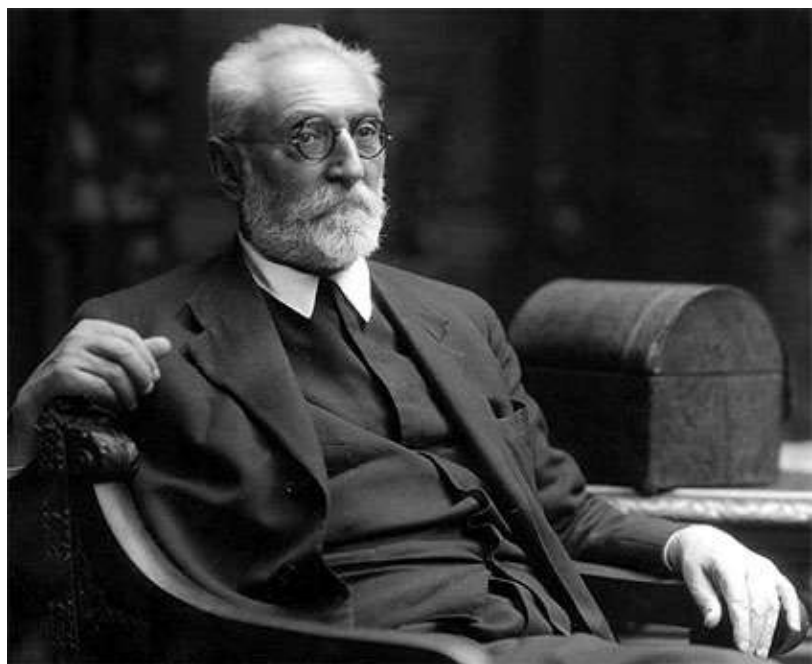
Na Bahia, o General Abdon Sena, às vésperas do Natal de 1969, enviou um ofício cheio de indignação ao governador Luiz Viana Filho mandando que ele apreendesse toda a edição da obra poética de Gregório de Matos Guerra, o Boca do Inferno, organizada por James Amado e financiada pelo governo da Bahia. Dizia o general no seu comunicado que Gregório de Matos era considerado inimigo do exército brasileiro por ser "subversivo, anticlerical e imoral". O general Abdon Sena vociferava tais bobagens, menos por ser fascista, do que por pura ignorância. Inimigo das letras, não conhecia o general nada sobre a obra do grande poeta baiano, falecido há mais de três séculos.

Na década de trinta do século passado, durante a Guerra Civil Espanhola (1936/1939), Miguel de Unamuno (foto abaixo) era o Reitor da Universidade de Salamanca, uma das mais antigas universidades da Europa. Filósofo, humanista, Unamuno no princípio apoiara as forças nacionalistas do general Franco contra a jovem república, mas não podia aceitar os assassinatos de Casto de Prieto, prefeito de Salamanca e do grande poeta Federico Garcia Lorca.

No dia 12 de outubro, em comemoração ao dia da descoberta da América, realizou-se na Universidade de Salamanca o Festival da Raça Espanhola. O incidente é bastante conhecido como símbolo do fascismo e sua intolerância. Estavam presentes no palco, entre outros, a esposa de Franco, o bispo de Salamanca e o professor Francisco Maldonado que fez um violento discurso contra o nacionalismo basco e catalão que precisava ser "curado com o bisturi do fascismo". Na sala alguém gritou: "viva la muerte!" O general Millán Astray, que tinha apenas um braço e um olho, líder da falange, acompanhou o grito necrófilo: "viva la muerte!"

O filósofo Miguel de Unamuno levantou-se e disse que não podia calar-se. "Às vezes, ficar em silêncio é mentir". Enfrentando o fascismo e os fascistas cara a cara, Unamuno disse que a Universidade é o Templo do Saber e ele o seu sumo-sacerdote. "É o senhor que profana este recinto sagrado. O senhor vencerá porque tem a força bruta mais que suficiente. Mas não convencerá. Pois para convencer precisará do que lhe falta: a razão e o direito em sua luta. Considero inútil exortar o senhor a pensar na Espanha".

Dizem que o general Franco lamentou Miguel de Unamuno não ter sido fuzilado, fato que só não aconteceu, comentam os historiadores, pela presença da esposa de Franco no recinto. Pouco tempo depois, destituído do cargo de Reitor, Miguel de Unamuno morreu no isolamento.



O Reitor João Cardoso do Nascimento Júnior fez da Universidade Federal um Templo do Saber. Resistiu. Nenhum estudante foi expulso. Fato único entre as universidades públicas brasileiras. Tal como Miguel de Unamuno, foi seu Sumo-Sacerdote. A Universidade Federal de Sergipe, através da coragem do seu Reitor João Cardoso, reagiu à intolerância.

Os Reitores, o sergipano e o basco, entraram na História com exemplos de tolerância e humanismo. Os generais, o brasileiro e o espanhol, marcaram suas passagens pela expressão do arbítrio da intolerância e da estupidez.



# CLEOVANSOSTENES PEREIRA DE AGUIAR

(1926 - 2018)



Nascido em Rio Largo, em Alagoas, em 16 de agosto de 1926, Cleovansóstenes Aguiar era filho do farmacêutico Rafael Pereira de Aguiar e Laura Gomes de Aguiar. Com enormes dificuldades, conseguiu formar-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco em 1953, fazendo curso de Saúde Pública pela Fundação Osvaldo Cruz e Medicina Tropical pela Fundação Gonçalo Muniz. Em Sergipe, atuou inicialmente em Gararu, em 1954, como médico concursado do SESP. Dois anos após transferiu-se para Porto Real do Colégio, em Alagoas, onde permaneceu por dois anos.

Depois retornou para Riachuelo, onde residiu por 13 anos, com forte atuação na comunidade. Em seguida transferiu-se para Aracaju, mas permaneceu atuando em Riachuelo, no hospital da cidade, que era um centro de referência em doenças infecciosas, durante 17 anos. Em Aracaju trabalhou na SUCAM, sendo seu diretor e também na Legião Brasileira de Assistência e INAMPS. Na Universidade Federal de Sergipe, lecionou as disciplinas de parasitologia e bioagentes patogênicos. Foi presidente do CNEC/SE, da Fundação Projeto Rondon e do Conselho Estadual de Educação. Prefeito de Aracaju de 1971 a 1975. Membro fundador da Academia Sergipana de Medicina, foi o seu primeiro presidente, de 1994 a 1996. Mesmo aposentado de suas funções, permaneceu ainda atuante por muitos anos em ações pastorais na Paróquia de São José. Faleceu subitamente enquanto assistia programa na televisão, em sua residência, em 7 de junho último, aos 91 anos, sendo sepultado no Cemitério Colina da Saudade, no dia seguinte, sob forte emoção e tristeza dos seus inúmeros admiradores. A saudação oficial nas exéquias coube ao médico Lúcio Antônio Prado Dias, em nome da Academia Sergipana de Medicina, Academia Sergipana de Letras e SOBRAMES.



## UM SUJEITO PROPAROXÍTONO



*"O futuro da humanidade está nas mãos daqueles que são capazes de transmitir hoje às gerações do amanhã, razões de vida e de esperança".*

*Hoje como ontem, o exemplo de vida do médico Cleovansóstenes Pereira de Aguiar se encaixaria perfeitamente no pensamento do saudoso Papa João Paulo II. E eu acrescentaria: ...e lições de humildade, generosidade e tolerância.*

A homenagem que a Prefeitura de Aracaju lhe concedeu ao inaugurar o Centro de Zoonoses de Aracaju com o seu nome, refletiu à época o reconhecimento do povo de Aracaju aos inestimáveis serviços prestados pelo homem que dedicou a maior parte de sua vida aos problemas de saúde da nossa gente, como médico e educador, transmitindo ao longo de sua existência lições de decência, honradez, respeito, probidade, dignidade, trabalho,

altruísmo e amizade. E novamente reafirmo: lições de humildade, generosidade e tolerância.

Especial para mim foi ter o privilégio de saudá-lo naquela oportunidade, em nome da classe médica sergipana, poder falar um pouco sobre o colega, o amigo, o professor e o confrade da Academia Sergipana de Medicina, o mais que proparoxítono, por que não estava somente no detalhe gramatical que o seu nome trazia, Cleovansóstenes, mas pela pluralidade de suas virtudes. Hoje, com o coração partido, falo em nome da Academia Sergipana de Medicina e da Academia Sergipana de Letras, missão confiada pelo nosso presidente José Anderson do Nascimento, e também pela Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - SOBRAMES, entidade que presido no momento em Sergipe. Mas poderia falar somente por mim, em função do profundo respeito e elevada consideração que me tornaram um de seus inúmeros admiradores, como professor, depois colega, e por fim, confrade e fraternal amigo. Descrever a trajetória desse eminente cidadão, a sua importância no contexto histórico sergipano, por uma pessoa tão modesta e limitada, no entanto, é tarefa no mínimo arriscada. Escrevo, porém, com o coração, o que por si só dispensa maiores exigências intelectuais. Falo também como aluno permanente, desde os tempos idos da Faculdade; falo como admirador e colega. *"Se um homem fala ou age com o pensamento puro, a felicidade o acompanha como uma sombra que jamais o deixa"*, dizia Buda, líder espiritual hindu.



Delegação da ASM em visita especial nos seus 90 anos.



Cleovansóstenes Pereira de Aguiar, sergipano de Alagoas, nasceu na Usina Utinga Leão, em Rio Largo, em 16 de agosto de 1926, como segundo filho de uma série de doze. Seus pais chamavam-se Rafael Pereira de Aguiar, farmacêutico e Laura Gomes de Aguiar, prendas do lar. Aos 13 anos foi estudar em Garanhuns, Pernambuco, no Colégio 15 de novembro, em regime de internato, onde recebeu rigorosa e primorosa educação, principalmente nos campos da moral, da ética e dos bons costumes. Fez o curso colegial em Maceió, no Liceu Alagoano. Nessa fase praticou muitos esportes, chegando a jogar futebol em clubes da capital alagoana. Se o futebol não ganhou um excelente craque, melhor foi para a Medicina que ganhou um novo e destacado baluarte. Fez o curso superior em Recife, superando inúmeras adversidades por dificuldades financeiras. Não fosse o seu grande esforço pessoal e a enorme colaboração prestada por duas organizações, a Casa do Estudante de Pernambuco, onde fazia suas refeições e a Companhia de Escolas da Comunidade, dificilmente o nosso

homenageado teria conseguido o diploma de médico, como especialista em Ginecologia e Obstetrícia, em 1953. Mas a saúde pública era o seu destino. Não somente tratar do indivíduo mas cuidar de toda uma coletividade.

Em 2 de janeiro de 1954, Cleovansóstenes aportou em Própria onde estagiou durante 23 dias no SESP, antes de ser designado em definitivo para Gararu, em 25 de janeiro. Iniciava-se a fase do Cleovansóstenes sergipano. Em Gararu conheceu Maria da Glória, que viria a ser a sua esposa em 1955. Em 1957 estabeleceu moradia em Riachuelo, onde teve uma intensa participação social e comunitária, realizando obras na forma de mutirões, como o ginásio, a construção de um novo hospital e maternidade, reformando as instalações da igreja, entre outras realizações. Fez muito por Riachuelo, mesmo sem mandato, onde permaneceu até 1969 quando então passou a residir em Aracaju, mas sem se desligar da querida cidade.

Em 1963, atendendo convite do inseparável amigo Alexandre Gomes de Menezes Neto, colega e confrade, que partiu para o infinito no ano que passou, ingressou na Faculdade de Medicina na disciplina de Parasitologia. Uma vez confidenciou-me: ser professor na nossa escola de Medicina, talvez tenha sido sua maior realização. O homem certo na hora certa.

E eu questiono agora, qual teria sido mesmo a sua maior realização? Ter sido o professor ainda hoje, mesmo aposentado, idolatrado pelos seus alunos? Ou ter sido Prefeito de Aracaju, cumprindo o mandato com dignidade, lisura e probidade, com inúmeras realizações entre as quais a ampliação da Av. Hermes Fontes, tornando possível a expansão da zona sul da cidade. Difícil agora querer enumerar as suas realizações como Prefeito de Aracaju. Livre de amarras ideológicas, exerceu o cargo sem vinculação sem a sombra da política partidária.

Alguns vão querer dizer que a maior realização do querido confrade foi a intensa obra médico-social que desempenhou, como médico sanitário, cuidando da saúde coletiva do nosso povo. Mas muitos vão replicar, dizendo que sua maior realização foi construir uma plêiade de admiradores, de amigos feitos ao longo da caminhada, pela sinceridade de seus propósitos, pela lealdade de suas colocações, pela sinceridade de suas palavras ou pela grandiosidade de seus atos. Outros, não satisfeitos, vão querer lembrar o ser cristão, o homem de fé inabalável, humanitário, humilde e modesto na sua generosidade.



ENCONTRO NACIONAL DE ACADEMIAS DE MEDICINA  
04 a 06 de Maio de 2001-Delmar Hotel-Aracaju/Se

E todos terão razão. Porque esse é o proparoxítono Cleovansóstenes Pereira de Aguiar. Na Academia Sergipana de Medicina, um dos seus mais entusiastas participantes. Quando o confrade Gileno da Silveira Lima desfraldou a bandeira de criação da Academia, esteve presente com toda a garra e perseverança e por isso coube-lhe, por indicação de seus pares, a indicação para ser seu primeiro presidente, de 1994 a 1996. E mais uma vez cumpriu a contento a sua tarefa.

Finalizando, recordo uma entrevista sua no Jornal da Sociedade Médica de

Sergipe quando o repórter lhe fez a seguinte pergunta: que tipo de lição o senhor aprendeu no decorrer da vida? E a resposta: “Primeiro que somos filhos de Deus e que Deus é amor. Segundo, é que o homem não nasce feito, porém se faz pelo seu proceder, pelo seu caráter e por sua vivência. Vivendo no meio dos outros homens com retidão e probidade. Terceiro, é que não devemos nos considerar inferiores a ninguém, nem tampouco superiores e marchar com a cabeça erguida, seja para onde for”. Este é o imortal Cleovansóstenes Pereira de Aguiar. Que Deus, na sua infinita bondade, proteja a sua alma por toda a eternidade. Descanse em paz, grande guerreiro, na tranquilidade de sua grandeza. Ficaremos nós aqui na planície mais pobres e tristes com a sua partida.

## **CLEOVANSÓSTENES DE AGUIAR, O MÉDICO E O “PEDREIRO”**

Indicado para governar Sergipe, o engenheiro Paulo Barreto, que cuidara de estradas e prédios, do Batistão, do Maria Feliciano e de tantas obras no acelerado governo de Lourival, seu “padrinho”, na escolha feita pelo general presidente Médici, procurava, antes da posse, formar uma equipe técnica de nomes reconhecidos pela probidade e, ainda mais, sem suspeitas de tendências “subversivas”.

O ano era 1970, o auge dos resultados autoritários que o Ato Institucional nº 5 consagrara, para dar ao Brasil uma paz de cemitérios. Escolher essas pessoas era tarefa delicada e exigia consultas prévias aos órgãos de segurança, que bisbilhotavam até a vida privada e davam ouvido também para maledicências e insinuações, as vezes perversas, que passavam a constar na folha corrida das pessoas, guardadas pelos órgãos de segurança.

Capitais, qualquer cidade com mais de 200 mil habitantes, ou estância hidromineral, determinara o regime, não teriam eleições para prefeito, que seria indicado pelo governador e, também por ele, podendo ser demitido. O prefeito era assim uma espécie de secretário. Paulo teria de substituir, na Prefeitura de Aracaju, o economista Aloísio de Campos, que se dedicara a planejar, tanto financeira, como urbanisticamente, a cidade. Lhe falaram sobre um cidadão cheio de virtudes, que tinha um nome um tanto estranho: Cleovansóstenes. Médico, homem de vida pacata, dedicado inteiramente às suas atividades, sobretudo um humanista, era funcionário do SESP, um serviço de saúde pública federal que funcionava com eficiência. Era também professor da faculdade de Medicina da UFS.

Sobre Cleovansóstenes, diria depois Paulo Barreto, que, durante sua garimpagem em busca de qualidades e defeitos, dele nunca ouvira uma só palavra desabonadora. Foi a Riachuelo, onde o médico trabalhava, porque desejava ter uma alongada conversa com ele. Chegando ao SESP, lhe informaram que o doutor saíra para visitar uma obra da Campanha de Educandários Gratuitos, da qual era também dirigente. Hoje, essa campanha em nível nacional tem dois dirigentes sergipanos, o professor, advogado e agora principalmente Padre, José Lima, e o sementeiro de cultura cearense-sergipano, Domingos Pascoal. Pois então, chegando ao local, Paulo Barreto encontrou o Dr. Cleovansóstenes empunhando uma colher de pedreiro. Ajudava a construir as paredes de um ginásio. Não teve mais dúvidas, voltou a Aracaju e anunciou o nome do futuro prefeito da capital.

Prefeito, Cleovansóstenes mantinha o hábito de passear de automóvel, ao fim da tarde, com a esposa e os filhos pequenos e cruzava a João Pessoa, a principal artéria onde, na Sorveteria Chic, a política se fazia a meia voz, afinal, só há pouco tempo, a Assembleia Legislativa saíra do recesso forçado que durara quase dois anos, mas havia políticos descontentes por estarem preteridos e surgiu a insinuação maldosa que Cleovansóstenes não gostava de trabalhar.

Ele era extremamente organizado, chegava à Prefeitura por volta das seis, fiscalizava obras e a limpeza da cidade nos fins de semana, dirigindo seu próprio carro. Fez uma administração correta, cuidou bem da saúde, da educação e, coisa quase milagrosa, terminou seu mandato transferindo ao sucessor na Prefeitura, o engenheiro João Alves Filho, as finanças do município rigorosamente equilibradas.

Aos noventa e um anos de uma existência simples, rica de virtudes e de exemplos, morreu o professor, o médico sanitário, o ex-prefeito de Aracaju Cleovansóstenes Pereira de Aguiar. Ah, se todos fossem assim, como ele foi.

**Por Luiz Eduardo Costa, da Academia Sergipana de Letras, publicado originalmente no Jornal do Dia**

**Edição 4.464, de 10 de junho de 2018**